

Reflexões sobre cronologias, tipologias e mediações¹

Valéria Guimarães
UNESP/FAPESP/CNPq

Já na primeira edição do I Encontro TRANSFOPRESS em Paris, em novembro de 2013, foi notada a necessidade de tentar traçar tipologias e cronologias comuns para a imprensa publicada em língua estrangeira, seja em âmbito nacional, seja transnacional.

Podemos afirmar que tivemos avanços neste II Encontro TRANSFOPRESS em São Paulo, realizado na Biblioteca Mário de Andrade em novembro de 2014. Estes ocorreram principalmente nas pesquisas específicas, demonstrando que os pesquisadores atingiram um conhecimento maior e melhor do corpus, com a elaboração de questões e perguntas ao objeto. Ainda que o tom descritivo persista, é possível notar o surgimento de problemáticas mais elaboradas.

Naturalmente é preciso passar pela descrição exaustiva do corpus, como foi enfatizado durante o colóquio, mas somente a confrontação de texto e contexto, de uma análise sincrônica e diacrônica é que pode dar algum sentido a esta documentação até então desprezada como objeto, ou invisível nos acervos, em geral classificada em rubricas outras como migração, minorias etc., como algumas das comunicações enfatizaram.

Todavia, se as pesquisas individuais avançaram, ainda é a perspectiva do comparatismo que se coloca como desafio.

A história do livro e da leitura nos dá um bom exemplo de como os estudos sobre as transferências culturais podem ser tratados no âmbito do impresso – como afirma Philippe Poirrier². Depois das histórias nacionais do livro, as ondas comuns a um mercado editorial internacional são colocadas em destaque pelos estudiosos, que o percebem integrado não só em termos comerciais, mas também culturais.

De outro lado, o estudo das transferências culturais (que dão ênfase à circulação, às mediações e à constituição das redes decorrentes destas trocas) pode ser

¹ Este texto tem como objetivo traçar um panorama dos desafios que deverão ser enfrentados pelos pesquisadores da rede TRANSFOPRESS e foi redigido no calor da hora, durante os dois dias do II Encontro TRANSFOPRESS realizado em São Paulo (nov./2014). Ele foi composto de trechos de artigos já publicados ou em vias de publicação, e de observações sobre as comunicações. O texto não se constitui como artigo acadêmico, sendo apenas um registro das impressões acerca dos resultados do colóquio.

² « L 'histoire du livre, de la lecture et de l'imprimé constitue un de ces champs de recherche, sur le plan international, où le confinement au national a peut-être été le plus résolument mis en cause et dépassé » in P. Poirrier, *Les enjeux de l'histoire culturelle*, Paris, Seuil, 2004, p. 370.

compreendido como resultado dos desdobramentos da história comparativa – que se reduz a colocar lado a lado as histórias nacionais, segundo a crítica de Michel Espagne – articulando-se ao conceito de histórias conectadas (no sentido que dá Sanjay Subrahmanyam) ou à noção de história global. É neste contexto, como todos sabemos, que se abre espaço para a utilização do conceito de transnacional.

Assim, a ideia de transnacional nos remete tanto para esse *além de* (*trans*) quanto para algo que está *entre* (*inter*) fronteiras, que é comum a dois ou mais elementos. Acreditamos que é nestas trocas, eminentemente culturais (intelectuais, artísticas, técnicas, políticas etc.), que reside o foco central do esforço feito pelos pesquisadores da rede TRANSFOPRESS.

Com tradição no pensamento sociológico, sobretudo nos estudos dedicados à compreensão do capitalismo e seus desdobramentos, a adoção do paradigma transnacional implica “shift our focus from the nation-state as the basic unit of analysis”³ e a adoção de uma perspectiva que entende que as “Transnational structures are emerging from the womb of a nation-state system that itself is unevenly developed”⁴. Assim, a própria noção de sistema inerente à ideia de estado-nação é aqui problematizada, admitindo nuances e variáveis em suas relações exteriores nas quais antes apareciam “plus souvent des lignes droites: des trajectoires sans zigzags ni pointillés”, como alerta Roman Bertrand.⁵

Ora, a aplicação do conceito transnacional coaduna-se, igualmente, com a natureza das nossas fontes, tomadas na sua materialidade, ou seja, como suportes da informação. Os impressos periódicos, cuja expansão no século XIX é bem conhecida, possuem o duplo caráter de serem importantes instrumentos da afirmação das identidades nacionais tanto quanto agentes difusores de padrões – o que lhes faz portadores desta singular característica universal ditada pelos formatos, estilos e gêneros, além de, claro, ser um veículo eficaz na divulgação de conteúdo para além dos limites nacionais, o que em certa medida globalizou a *agenda-setting*.

Portanto, para fazer uma história transnacional da imprensa em língua estrangeira, devemos antes partir do ponto de é preciso distinguir claramente esta

³ ROBINSON, William I. “Beyond nation-state paradigms: globalization, sociology, and the challenge of transnational studies” in *Sociological Forum*, vol. 13, n. 14, 1998, p. 562.

⁴ *Idem*, p. 582.

⁵ BERTRAND, Roman. “Un continent de possibles oubliés: les relations économiques Europe-Asie à l’époque modern” in *Revue Esprit Comment faire l’histoire du Monde?* Paris, Décembre 2013, p. 33.

imprensa publicada em língua estrangeira daquela que apenas circula por vários países.

Uma característica que distingue a imprensa publicada em língua estrangeira dos jornais que, escritos em outro idioma, apenas circulam fora de suas fronteiras nacionais é a criação de uma espécie de enclave em terra de acolhida, tentando estabelecer uma interação efetiva com a sociedade local.

Por isso, tais impressos devem ser vistos como parte da imprensa nacional. Essa constatação coloca a questão das tipologias e das periodizações.

Devemos estabelecer as tipologias da imprensa em língua estrangeira – os tipos de imprensa que se publica – tendo em vista a lógica da imprensa nacional ou da estrangeira?

Falando do caso brasileiro, mais especificamente franco-brasileiro, que é o que mais conheço, a imprensa francesa aqui publicada, por vezes parece ter acompanhado as tendências locais: a fase do pasquim (jornal político, artesanal, efêmero), a fase das folhas de cunho satírico sendo ambos sucedidos por uma crescente imprensa comercial que pega mais fôlego em direção à modernização apenas no século XX (ao contrário da Europa e EUA, onde a modernização já se faz sentir no século XIX).

De outro lado, as publicações mais restritas a determinados grupos nem sempre obedeciam a essa lógica, muitas delas permanecendo artesanais ainda no século XX, caso da imprensa alemã no sul do país, que apresentou em meio a formatos variados, alguns exemplos de jornais muito artesanais ainda no século XX, fenômenos que se repete em parte da imprensa italiana em São Paulo.

Colocados em paralelo, os casos brasileiro e mexicano parecem guardar forte similaridade e essa condição deveria ser melhor explorada, levando em conta outros países da América Latina. Mas também, e até por isso, poderíamos colocar em paralelo as três Américas, ainda que na América do Norte predomine a comparação com a Europa. Talvez desta investigação resultem conclusões inovadoras e surpreendentes.

De fato, os modelos editoriais são muito próximos, como foi observado durante o colóquio, uma vez que circulam intensamente.

Mas é possível que haja diferenças entre os países em termos cronológicos, como mostram algumas pesquisas: determinado modelo pode ter penetração num determinado país dependendo de fatores particulares ao mesmo. Com o desenvolvimento dos transportes e das tecnologias da impressão, a tendência é que

essas matrizes editoriais circulem com rapidez e logo sejam adotadas no resto do mundo, uniformizando-se.

Mas por vezes pode haver condições específicas que fazem que um determinado país só adote um modelo em condições particulares – caso da revista *Ilustração*, que passa a ser vendida no Brasil apenas quando o editor/financiador vê um espaço para ela nesse mercado, embora seu formato já existisse e fosse bem difundido na Europa.

Mesmo caso para as ilustrações ou clichês repetidos. A compra de clichês prontos era prática extremamente difundida na imprensa – pelo menos aqui no Brasil – e eram adotados não por um mecanismo de simples “cópia” ou “influência”, mas para porque eram bom negócio.

Outro exemplo destas particularidades da cronologia é a imprensa judaica que acompanha as tendências europeias e americanas em termos técnicos. No Brasil, essa cronologia já não pode se aplicar, pois a imprensa só conhece o início da modernização na virada para o século XX.

Seria preciso colocar as diferentes **cronologias** em comparação e destacar os elementos transnacionais, ou seja, comuns, mas também suas singularidades, como o exemplo da difusão do jornal italiano *Fanfulla* no interior de São Paulo.

Em termos de **tipologias** tivemos citados durante o colóquio, no que concerne à imprensa estrangeira: jornais políticos (que parecem ser maioria), pertencentes a associações, comunitários, religiosos, ilustrados, satíricos, noticiosos mas sabemos que há também jornais turísticos, ou voltados para um público específico dentro da comunidade (como os jovens), entre outros que devem ser identificados a fim de que consigamos formar um quadro classificatório no qual poderemos mensurar de maneira geral os tipos que predominam no mundo e em cada país.

Além disso, esta classificação ainda pode contemplar as diferenças entre uma imprensa artesanal ou mais profissional.

Por fim, os **mediadores**, devem ser vistos em sua diversidade e uma cartografia destes nomes pode ser traçada, identificando não só as redes formadas, mas o caminho tomado por esses homens, muitos deles circulando por dois ou mais países, como nos exemplos dados no colóquio. Além de uma classificação destes nomes com base em seu grau de envolvimento com as trocas culturais: aqueles envolvidos na produção (editores, tipógrafos, jornalistas, correspondentes etc.) e na circulação (livreiros/livrarias bibliotecários/bibliotecas etc.); ou com base em suas

variadas naturezas: exilados, militantes, religiosos, promotores culturais, professores, membros de associações, literatos, diplomatas etc.

A intenção não é fazer um trabalho quantitativo simplesmente, mas traçar marcos e referências que ajudem a entender melhor esta imprensa em suas particularidades bem como sua dimensão transnacional.

Acreditamos que o desafio do grupo TRANSFOPRESS é, então, **ultrapassar a fase das pesquisas individuais** para tentar traçar um **panorama geral** desta imprensa, bem como levantar hipóteses sobre sua lógica interna: cronologia, público-alvo, temática, gêneros, rede de mediadores, etc. não só no que diz respeito aos recortes nacionais mas, efetivamente, transnacionais.

Em termos de tipologias, talvez enviarmos e/ou trocarmos as informações que temos a fim de traçar esse grande quadro verdadeiramente transnacional. A base CulturHisto, como foi lembrado por Diana Cooper-Richet, pode ser este ponto de convergência de dados que propiciará traçar este amplo quadro.

Ou seja, ou seja, só conseguiremos vencer tal desafio se conseguirmos implantar um canal de comunicação eficaz entre os pesquisadores, o que deve ser levado em conta, na nossa opinião, como um dos próximos passos.

Enfim, a nossa impressão é que este encontro mostrou-se profícuo e que todos estão bastante empenhados na busca de resultados mais consistentes, a despeito das dificuldades inerentes à pesquisa desta monta e à própria constituição da rede, ela própria, transnacional, o que implica a dificuldade de acesso e comunicação, mas não impede o nosso desejo coletivo de fazer um bom trabalho!